

A cor dos cabelos: Fronteiras simbólicas (e não só) na colonização no Brasil¹

Hair color: Symbolic frontiers (and not only) in colonization in Brazil

Piero Brunello²

1.

Em 1991, o monsenhor Quinto Davide Baldessar publicou, no Brasil, por conta própria, um livro³ em defesa do avô paterno, Luigi Baldessar, e de Natal Coral, dois homens indicados por todos como *bugreiros*, isto é, caçadores de *bugres* (nome pejorativo atribuído aos indígenas). No livro, Monsenhor Baldessar apontava o avô Luigi entre os homens retratados em uma fotografia de grupo na qual são vistos homens brancos armados com facas e fuzis, que exibiam arcos e flechas, três crianças nuas de cor escura e alguns objetos, em primeiro plano, a partir da qual se entende que eles estiveram na aldeia das crianças.

O monsenhor nasceu em uma família de colonos, em Urussanga, no ano de 1923, mais ou menos trinta anos depois dos acontecimentos a que se dizia referir-se aquela foto. Ele havia conhecido, pessoalmente, seu avô Luigi. Mas, não Natal Coral, que faleceu antes de seu nascimento. Porém, um filho de Natal havia se casado com uma tia do monsenhor e, também, se tornado seu padrinho de crisma. Em suma, as duas famílias, os Baldessar e os Coral, se conheciam bem e eram aparentados. Quase ia esquecendo: os Baldessar vieram daqui perto e precisamente de *Tambre d'Alpago*; já os Coral eram de *Motta di Livenza*⁴.

Vejamos como o monsenhor conta a história.

Ao chegarem em Urussanga, em 1879, os Baldessar compraram quatro lotes de terra, equivalentes a cerca de cento e vinte hectares. “*Terras dos índios*”, ressalta o monsenhor, que lembra de um paredão de rocha de cerca de trinta metros de altura, dentro da propriedade dos Baldessar, que subia por uma espécie de escada natural na pedra e, acima da qual, existia a cabana de um grupo de nativos, os chamados Botocudos.

¹ Intervenção realizada no dia 22 de outubro de 2020 na Biblioteca de Castelfranco Veneto (Treviso), no âmbito dos encontros “Fronteiras-não-fronteiras (séculos VIII-XX). Nove historiadores e uma questão do nosso tempo”. Analisei o caso de *Trofei e prigionieri: Una foto ricordo della colonizzazione in Brasile* publicado em 2020, à qual faço referência às fontes e à bibliografia. A tradução da intervenção foi realizada por Eloisa Rosalen.

² Piero Brunello é um historiador italiano e professor aposentado de História Social da *Università Ca' Foscari Venezia*.

³ BALDESSAR, 1991.

⁴ Nota de Tradução: *Tambre d'Alpago* e *Motta di Livenza* são duas comunas italianas, respectivamente, nas províncias de Belluno e Treviso, na região do Vêneto.

A ‘tribo’, como diziam na época, era assim chamada porque os adultos, tanto homens quanto mulheres, colocavam no lábio o *botoque* (uma espécie de tampa), cada vez maior, que o dilatava. Faz muito tempo que os diretamente envolvidos rejeitaram o termo Botocudos, por soar depreciativo, e se autodenominam *Laklãnõ* ou *Xokleng*.

Quatro anos após a chegada dos Baldessar a Urussanga, um jovem da família, chamado Giovanni, foi morto por uma flecha: era um dos irmãos do avô Luigi. Naquele período, outros colonos foram feridos ou mortos por flechas e todos viviam nas proximidades, em um raio de poucos quilômetros.

E a fotografia?

Monsenhor Baldessar diz que foi tirada após uma expedição organizada pelo diretor da colônia, que prometeu uma recompensa em dinheiro por cada orelha de índio trazida. Em nome do diretor, Coral reuniu uma dúzia de homens: vizinhos de casa, entre eles, dois irmãos Baldessar. A expedição retornou com objetos da aldeia e três crianças, e, na vila, teria sido tirada a fotografia.

Imagem 1 - Fotografia citada por Quinto Davide Baldessar



Fonte: Fotografia reproduzida no livro por Quinto Davide Baldessar, provavelmente proveniente do livro *Colonos e Missionários Italianos na Floresta do Brasil* (publicado na Itália em 1904 e traduzido para o português em 1985) de Padre Luigi Marzano.

Foi realmente assim que aconteceu? Deixo de lado aqui a questão para observar com atenção um detalhe que Monsenhor Baldessar se detém, e que se refere à cor dos cabelos dos filhos de Natal Coral. Existia uma lenda ainda viva na colônia, segundo a qual Coral agia por vingança, porque os índios teriam sequestrado sua esposa, Maria Favero. Segundo a lenda, Maria foi sequestrada pelos índios e voltou com um filho já nascido e grávida.

A história do sequestro, assegura o monsenhor Baldessar, era inverossímil. Somente para exemplificar, da prisão, Maria teria escrito mensagens na casca das árvores, confiando-as à corrente dos rios.

A lenda, explica ainda o monsenhor, nasceu do fato de que todos os filhos de Natal Coral tinham cabelo castanhos, exceto dois, que tinham cabelos pretos. Esses dois não seriam, portanto, filhos de Natal. Considerando que os índios tinham cabelos pretos, de quem eram filhos então? *Impossível!* rebateu o monsenhor Baldessar, tanto que entre os dois filhos de Natal e Maria, nascidos com cabelos pretos, nasceu um de cabelos castanhos.

2.

Até aqui, a história do Monsenhor Baldessar, como podemos ver, se desenvolve em torno de uma série de fronteiras, tanto físicas quanto simbólicas. Vejamos.

O monsenhor apressa-se em dissipar as dúvidas sobre a descendência legítima de sua família. Daí o escrupuloso exame da cor dos cabelos. Por trás disso, está o horror à contaminação racial, constitutiva, para permanecer em nossa esfera, pela ideologia da fronteira, em que o pioneiro é um chefe de família com acesso fácil a um machado (para derrubar a floresta) e a um rifle; e a mulher é a mãe de seus filhos.

Na década de 1990, Cristina Scheibe Wolff, acadêmica que vive e trabalha em Santa Catarina, iniciou uma pesquisa sobre as mulheres indígenas sequestradas por brancos, em sua região, a fim de refutar a imagem de um estado branco e etnicamente homogêneo construído pelo discurso oficial e de demonstrar uma realidade muito mais miscigenada⁵. Para desconstruir o discurso que se baseia em uma dupla exclusão - de gênero e de raça - a estudiosa apresenta, em sua pesquisa, as figuras das mulheres indígenas “presas-a-laço”, como se diz no Brasil.

A ideia do extermínio - conclui a estudiosa - é reconfortante, porque nega a existência das mulheres indígenas na construção do Sul do Brasil, que pode, portanto, se sentir “mais branco” e “mais europeu” do que as demais regiões do país. Em outras palavras, a sociedade catarinense pode aceitar, até mesmo entender, o massacre de indígenas e o consequente sequestro de crianças, mas não consegue admitir facilmente que é uma sociedade miscigenada. O discurso oficial quer manter fixas e intocáveis, e intransponíveis, as fronteiras simbólicas sobre as quais se presume, e se deseja, que a sociedade catarinense seja fundada.

3.

⁵ WOLFF, 2003.

A longo prazo, a emigração italiana é permeada pela ideologia da fronteira. Você não pode promover a emigração se não fornece, ao mesmo tempo, um mito (o mito da fronteira) que a legitime e que te faça se sentir um pioneiro, ou a esposa de um pioneiro, etc.

Conhecemos o mito americano da fronteira. Mas, mesmo no Vêneto, que foi uma região de grande emigração até 1975, com uma forte recuperação nas últimas décadas, da qual não existe uma percepção pública adequada, foi difundida uma tradição narrativa oral específica da fronteira.

Com algumas diferenças a respeito do mito americano, o protagonista da literatura americana de fronteira despreza as convenções sociais e sente como uma ameaça o som do machado, que indica o avanço e a afirmação da colonização. Falamos dos barqueiros ou dos guias, que abrem novas trilhas e que fogem quando os colonos avançam porque sabem que isso anuncia o fim de seu mundo. Os pioneiros exaltados no Vêneto são, em vez disso, os colonos. O barulho preferido é aquele do machado e os valores estabelecidos são a família, o trabalho, a terra e a casa própria. E, também, a Igreja Católica.

Falo claramente, estando deste lado da fronteira. Sou branco e falo aos brancos. E ainda fiz a pesquisa deste lado do oceano, refletindo sobre um tema - a ideologia da fronteira - que soa familiar onde vivemos. Porém, não me interessam tanto as fronteiras, que existem sim, e como, mas quero entender como os indivíduos se movem ao interno delas e nos interstícios que se criam no meio ou através, sabendo que os modos de ação e de adaptação são mais variados e fantasiosos daqueles que nós conseguimos imaginar. Penso no gueto de Frankfurt, do conto de Heinrich Heine, que tem duas portas: uma que é fechada por fora quando têm feriados cristãos e outra que é fechada por dentro quando têm feriados judaicos.

Analisando a imagem do estrangeiro na Revolução de 1848, escrevi que não estava interessado em desconstruir os estereótipos nacionais, que imaginam cada povo viver dentro das fronteiras de sua própria nação (assim é o modo no qual o nacionalismo europeu do século XIX pensa os povos e nações), mas, em vez disso, de querer observar as relações entre os vizinhos de casa porque, antes de ser um programa político, o nacionalismo é uma tonalidade da vida cotidiana. “Isso - escrevi no livro - levou-me a captar mais o burburinho da rua do que a liturgia da assembleia [...], as histórias individuais e as relações interpessoais mais do que os choques de cultura”⁶. Agora, prefiro evitar o uso de termos como choques de civilizações, porque têm uma força de mobilização coletiva que me assusta.

⁶ BRUNELLO, 2018, p. 207.

Portanto, falarei de um homem e de uma mulher; antecipo que ele é um indígena *Xokleng* e ela é italiana, vem de Cremona.

Um dia de 1894 trouxeram ao padre Franz (Francisco) Topp (sacerdote alemão que se estabeleceu em uma cidade relativamente próxima a Urussanga) uma criança sequestrada na floresta, que parecia ter entre 8 e 9 anos. O padre batizou-a e foi seu padrinho, junto com outro senhor alemão, que era advogado. Padre Topp havia chegado a Santa Catarina quatro anos antes advindo da diocese de Münster, seguindo seus emigrantes conacionais. Com o batismo, a criança teve três nomes: Francisco e Affonso, como os nomes dos padrinhos; e Arazary (mais tarde tornando-se Arazarin, Araçary ou Aracary), termo com o qual parece ser chamado uma espécie de papagaio. Os três nomes simbolizaram a vitória da cultura, da civilização e do cristianismo sobre a natureza selvagem, que, no entanto, continuava a permanecer no fundo escuro das origens do indivíduo e de sua raça (e do Brasil). Pouco depois, Padre Topp adotou legalmente a criança e desta vez chamou-lhe de Francisco Xavier, com seu próprio nome (isto é, chamava-se Franz Xavier).

No ano seguinte, chegou de Münster um pequeno grupo de freiras, que abriram um colégio, e acolheram também o pequeno Francisco Xavier. Posteriormente, o menino foi enviado para estudar em um colégio de padres franciscanos alemães no norte do Estado de Santa Catarina. Passou ali um viajante alemão, engenheiro de uma empresa de colonização, que conheceu o jovem e perguntou-lhe como se chamava. O jovem respondeu: Francisco Cogogn Topp, filho de um cacique (e disse-lhe o nome de seu pai). O engenheiro, que queria mostrar aos seus conacionais que lhe estavam fazendo honras, tirou uma foto dele.

Em seguida, o jovem estudou em um seminário jesuíta no Rio Grande do Sul, onde, além do latim, aprendeu português. Por que ele morava com os brancos? No seminário, dizia-se que ele havia sido acolhido durante um assalto dos botocudos contra uma colônia. Em resumo, na casa do Padre Topp, e depois no Seminário de Pareci, a violência na origem do sequestro - e, com ela, a culpa - foi revertida ao Botocudo. Imagino que, em público, Francisco deveria adaptar-se a esta versão. Mas, e para si mesmo?

Em 1907, os jornais brasileiros noticiaram que Francisco, “transformado de índio selvagem em cidadão útil à pátria”, estava indo a Roma para continuar os estudos junto ao Pontifício Colégio Americano.

O jovem chegou ao porto de Hamburgo e de lá seguiu para a cidade do seu pai adotivo. Um repórter o conheceu. Como se chamava? Franz Topp. Por que estava vestido como um branco? Tinha sido acolhido após um ataque vindo dos Botocudos. Provavelmente, o jovem

Em 4 de novembro de 1942 - uma das poucas datas certas em sua vida - Francisco Aracary Topp faleceu. Para si mesmo, *Cogonh*, filho do cacique Monjan; para os padrinhos de batismo, Francisco Affonso Aracary, nomes que expressavam o auspício de que o pequeno indígena se tornasse branco como eles; para o pai adotivo: Francisco Xavier Topp, com todas as expectativas que o nome trazia consigo; nas escolas alemãs, e durante a viagem à Alemanha, Franz Topp; para os amigos do padre Topp e para os colegas do seminário, um órfão acolhido benevolmente, pelos brancos após um ataque dos Botocudos a uma colônia; para a esposa, não sei dizer; para os netos, um Guarani, ou seja, um índio civilizado; à beira da morte, um branco, sinal de reconhecimento do nível social ao qual alcançou.

Vale para ele (da esposa não posso falar nada) o que Nathan Wachtel e Giovanni Levi notaram sobre os judeus marranos convertidos à força, nos quais se encontra uma “verdade oculta” e uma “fidelidade secreta”, em outras palavras, o sentido de uma “intimidade dolorosa”⁷. Concluo dizendo que são essas as coisas a serem observadas quando falamos de fronteiras e, sobretudo, de choques de cultura e de civilizações.

Referências:

BALDESSAR, Quinto Davide. *Imigrantes: Sua história costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina*. [Cricúma]: [s. n.], 1991.

BRUNELLO, Piero. *Trofei e Prigionieri: Una Foto Ricordo della Colonizzazione in Brasile*. Verona: Cierre Edizione, 2020.

BRUNELLO, Piero. *Colpi di scena: La rivoluzione del Quarantotto a Venezia*. Verona: Cierre Edizione, 2018

LEVI, Giovanni. *Intimità marrana*. Disponível em: <https://storiamestre.it/2015/12/intimita-marrana/> Acesso em 25 jan. 2021.

MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985.

Registros de Óbitos de 1942, Talão 22, p. 189, de Passo Fundo/ Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.familysearch.org/search/catalog/2039510?availability=Family%20History%20Library> FamilySearch
 Coleção: *Brazil, Rio Grande do Sul, Miscellaneous Records 1748-1998*.

WACHTEL, Nathan. *La fede del ricordo*. Ritratti e itinerari di marrani in America (XVI-XX secolo). Turim: Einaudi, 2003.

⁷ WACHTEL, 2003; LEVI, 2015.

WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres indígenas na construção etnohistórica de Santa Catarina: memórias de um esquecimento. *Anais eletrônicos do II Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais: identidade, diferenças e mediações*, Florianópolis, 2003.

Data de envio: 01 de dezembro de 2019

Data de aceite: 05 de fevereiro de 2020